

## INFORME À IMPRENSA E LIVRARIAS

Sexo, drogas, a repressão da Ditadura Militar durante os Anos de Chumbo, a reação da esquerda, a Copa de 1978 e até a Máfia – do então *capo* Tommaso Buscetta –, tudo se mistura neste romance que o jornalista e escritor José Inácio Werneck lança, no final de junho, pela Pébola Casa Editorial.

O Rio de Janeiro dos anos 1970, com seu charme e liberalidade, está presente neste livro delicioso, prefaciado por Juca Kfourir e apresentado por João Máximo, dois colegas de Werneck quando ele, radicado há muito tempo nos Estados Unidos, ainda morava no Brasil.

É, como diz o Juca Kfourir: trata-se de um romance baseado em fatos reais, usando nomes de personagens que brilhavam no Jornalismo e na noite carioca, e outros que o autor disfarçou, mas quem conviveu vai identificar.

Werneck traça o perfil de uma família – o marido, careta; a esposa, liberal – para apresentar, a quem não sabe, como vivíamos naqueles tempos.

**Caminho do mar** foi encomendado pelo produtor cinematográfico norte-americano, David Walsh, para, possivelmente, servir como argumento de um filme, totalmente rodado no Rio de Janeiro, que ele pretende levar ao Netflix.



### Fala o produtor cinematográfico norte-americano David Walsh

A história de **Caminho do mar** começou depois de conversas com José Inácio Werneck, meu colega de longa data na ESPN International, sobre a vida no Rio de Janeiro na década de 1970, quando ele era um célebre colunista de Jornal do Brasil.

A ideia era criar uma história fictícia sobre uma mulher que chega ao Rio de Janeiro buscando uma nova vida e continua se tornando um repórter de esportes de TV, na época da Copa do Mundo de 1978, coincidindo com a Ditadura no Brasil, protestos estudantis, sequestros políticos e drogas na América Latina.

Werneck ilumina o Rio de Janeiro desse período: as bonitas pessoas na praia de Ipanema, os bares da Bossa Nova e, é claro, o Estádio do Maracanã.

*David Walsh é um premiado produtor norte-americano da TV esportiva. Com a ESPN International por mais de 20 anos, cobriu uma variedade de eventos esportivos e atletas como Zico e Ayrton Senna. Atualmente, trabalha para levar **Caminho do mar** para a tela pequena, através da Netflix.*

## Prefácio

Por Juca Kfourri

Ora, ora, ora, depois de longa temporada, eis que recebo livro de José Inácio Werneck para prefaciá-lo.

As religiões têm, como a vida social, diversos ritos de passagem: crisma, Bar Mitzvah etc. Fumar na frente dos pais já foi um deles, algo de que mui provavelmente Werneck, sempre saudável, deve ter sabiamente fugido. Ser aceito profissionalmente entre pares célebres é outro rito, que permanece.

Ele não se importará que eu diga ser seu leitor desde a adolescência — e mais ainda desde que virei jornalista. Então, os 13 anos que nos separam, faziam diferença. Por isso mesmo, é glorioso prefaciá-lo de quem tanto me ensinou quando escrevia sobre futebol no Jornal do Brasil.

Andei bravo com ele quando trocou a bola pelas maratonas, pelo triatlo, a doença pela saúde. Mais ainda, quando se mandou para os Estados Unidos.

Ao ler este **Caminho do mar**, constato que a distância é apenas uma convenção. Porque uma vez carioca, brasileiro até morrer — frase que Werneck, tricolor de coração, haverá de perdoar.

Este livro delicioso, que mistura ficção e realidade, personagens com seus nomes reais e outros sob disfarces identificáveis por quem os conheceu, mergulha na vida do Rio de Janeiro para, num só fôlego, algemar o leitor da primeira à última página.

Sexo, futebol, política, mistério, intrigas, suspense, surpresas, amarrados em texto de mestre, daqueles fáceis de ler porque Werneck escreve como conversa. Até quando aterroriza, é com delicadeza.

Nunca esquecerei o dia em que recebi dele comentário sobre algo que havia escrito e pensei:

— É, estou aceito.

Ao prefaciá-lo, posso dizer:

— Agora, estou formado.

E olhe que os 13 anos já nem fazem diferença.

## Apresentação

Por João Máximo

Na melhor e mais influente redação de jornal daquele tempo (a do Jornal do Brasil), os mais chegados o chamávamos de “Moderno”. Era menos um apelido do que uma constatação.

Nenhum de nós, os que rondávamos ou já íamos passando da casa dos 30, era tão identificado com a atualidade da época como José Inácio Werneck. No vestir-se, no falar, nos gestos, no viver o trabalho e a noite, era ele quem nos apontava os caminhos de um hoje cada vez mais perto do amanhã.

Não é por acaso que Elvis e os Beatles, Twiggy e as primeiras repórteres esportivas, a pílula e a minissaia, o topless e as manhãs do Castelinho, tudo “na esteira do que se fazia em Londres e Nova York”, têm lugar nas páginas deste livro.

Naquela década — de pouco depois da Copa do Chile (1962) e pouco antes da primeira na Alemanha (1974) — ninguém foi tão moderno. Ou tão em dia com a vida. Não entre os ainda jovens, mas já adultos, escribas do jornal da Condessa.

José Inácio Werneck identificava-se tão intimamente com as notícias que corriam o mundo (ninguém mais do que ele sabia como o Homem chegaria à Lua) quanto como as que lia nas páginas policiais colhidas na Zona Sul do Rio (de poucos assaltos e raras violências contra a mulher).

Sim, Zona Sul. Pois da Zona Norte o “Moderno” pouco sabia. O mais perto que chegava dos bairros e subúrbios, aonde a modernidade pouco ia, era o grande estádio erguido ao lado de onde antes havia uma favela. Isso porque as idas ao Maracanã eram obrigatórias para o jornalista que sabia tanto de futebol quanto de Eça de Queiroz, também moderno em seu tempo, como eram agora Baldwin e Pinter, Salinger e Neruda, Bellow e García Márquez.

Depois, o jornalista tomou outros rumos, reinventou as corridas a pé no Brasil, produziu maratonas, fez-se ele próprio um top-runner e partiu para o Mundo.

Foi viver na Londres e na Nova York que o inspiraram, mas se mantendo tão em dia quanto possível.

O mínimo que ele nos devia era um livro passado nos tempos em que Jorge ainda não era Benjor, os Beatles ainda existiam e o jornal da Condessa era tão moderno quanto ele.

## SPOILER: O PRIMEIRO CAPÍTULO

### **Em busca da terra prometida**

Maria Eduarda era bela. Um pouco mais para alta, batendo em 1,70m, bem distribuídos em um corpo esbelto. Os cabelos eram de um castanho claro, olhos também claros, de avelã, quase amarelos como os de uma gata. Seu corpo era rijo, sensual, com seios que se faziam mais notáveis pela pouca inclinação de sua dona ao uso de sutiãs. Postura desempenada, nádegas escorreitas, pernas e braços cobertos por uma leve penugem loura.

Uma noite de dezembro, em 1977, Maria Eduarda estava no carro de Edilásio Costa, apelidado Édi, seu companheiro de trabalho que, ao longo de meses de relacionamento, se tornara também e aos poucos seu acompanhante em um Piano Bar na Lagoa, onde gostavam de ouvir bossa nova, jazz e outras canções americanas tocadas ao piano por Jorge Grande.

Ele era uma presença tradicional na noite carioca e também, durante o dia, na praia do Castelinho, não mais de um quilômetro distante do Antonino, o restaurante e Piano Bar que reunia, em horas mais avançadas, jornalistas, intelectuais, personalidades da TV.

A praia, durante o dia, era o contraste na vida de Jorge Grande durante a noite. Excelente nadador, surfista, fazia pesca submarina, tinha sido criado ali mesmo em Ipanema, produto de uma família da alta classe média que lhe permitia uma vida descompromissada com profissões mais sérias. Tornara-se um diletante, um misto de artista-intelectual-observador da vida e de suas criaturas, às vezes em tons mordazes.

Tocava piano no Antonino mais por prazer do que por necessidade. Uma herança familiar lhe permitia, beirando os 40 anos, viver confortavelmente em um apartamento na Avenida Francisco Behring diante do mar. Alto, musculoso, olhos de um forte azul sob cabelos louros e anelados, não lhe faltavam companhias femininas. Muitas mulheres a ele se entregaram e cultivaram seu relacionamento, mas nenhuma o convenceu a ver a necessidade de um compromisso conjugal.

Jorge Grande era quase um cínico, no sentido de descrente, desconfiado da sinceridade e boas intenções do ser humano em geral. Detestava os falsos e hipócritas.

Naquela noite, porém, as atividades de Maria Eduarda não o envolviam. Ela estava no banco de trás do carro da Edilásio Costa, enlaçada com ele, que já a aliviara de suas vestes e corria seus dedos sequiosos entre aquelas coxas macias, em busca da terra prometida, quando...

Quando foram rudemente interrompidos. Ali, estacionados no calçadão do Castelinho, por volta de uma ou duas da madrugada, entregues à suposta observação do que a ironia carioca chamava de “corrida de submarinos”, não perceberam a aproximação de dois tipos mal-encarados.

Ou perceberam muito tarde, muito tarde ao menos para Edilásio. Os indesejáveis visitantes abriram violentamente a porta de seu Ford Corcel amarelo com listras pretas e encostaram um revólver em sua cabeça:

— Pra fora, seu filho da puta!

Edilásio Costa foi embrulhado entre braços poderosos, com uma mão colocada sobre sua boca para impedi-lo de gritar, e um revólver colado à têmpora, pronto para o disparo.

Maria Eduarda pulou fora pela outra porta, nua como estava. Antes que os bandidos conseguissem agarrá-la, jogou-se do alto do calçadão, para a areia. Uma altura de dois metros, mas o piso macio absorveu o choque, sem danos para a improvisada atleta.

Foi bater na areia e correr. Correu, primeiro, na direção do Arpoador, paralela ao mar. E, depois, quando viu que um dos dois meliantes partia em seu encalço, foi na única direção possível, entrando no mar e enfrentando a arrebentação forte, que começara naquela tarde, com uma ressaca batida pelo Sudoeste.

O bandido parou. Viu que não conseguiria alcançá-la, mesmo porque nadava mal e porcamente. “Essa piranha vai mesmo se afogar” — pensou com os botões de suas, já naquela época, anacrônicas calças boca de sino.

Mas Maria Eduarda não se afogou. O facínora se afastara, voltara ao carro onde seu comparsa havia metido Edilásio, com revólver encostado à cabeça. Vendo aquilo, um casal que trocava masturbações em um carro próximo esqueceu as suas vias de fato sexuais e tratou de escapar: o homem, com o pé na tábua; a mulher, a vestir a calcinha às pressas.

Não foram as únicas testemunhas. Jorge Grande estava à janela, acariciando um uísque on the rocks, quando notou um vulto que se debatia entre as ondas. Olhou bem. Sim, era uma pessoa; e, pior, estava numa vala, aquele traiçoeiro repuxo que levava de volta, para o mar alto, a água que a arrebentação jogava sobre a areia.

Ele estava em casa, à vontade, de short e camiseta. Esqueceu o uísque, o jazz que tocava na vitrola e, aos saltos, desceu do terceiro andar para a calçada, pela escada, desprezando o elevador.

Em duas ou três passadas largas, atravessou a rua, pulou na água e agarrou aquele corpo, que logo reconheceu ser de uma mulher. Era um perito em salvamento, sabia que tinha que abraçá-la por trás, fazendo-a flutuar de costas, sem lhe dar chances de se agarrar a ele e debater-se.

A operação não demorou mais do que alguns minutos. Clinicamente, calmamente, com a perícia de quem conhecia o mar e seus truques, Jorge Grande nadou na diagonal, não para a areia, mas para o alto mar. Nadou apenas o suficiente para sair da arrebentação e também da própria vala. Além da arrebentação, onde as ondas são volumosas, mas calmas, esperou que a série passasse, como sabia que ia passar, e, no intervalo de uma para outra sequência de ondas, trouxe Maria Eduarda de volta à areia.

Ela bebera água, estava ofegante, mas fora de perigo. Jorge Grande a reconheceu imediatamente. Era aquela bela mulher que, ainda naquela mesma noite, trajada com um leve vestido de verão, estivera no Antonino, com um mulato claro que ele sabia ser jornalista.

Maria Eduarda tossia e ele a fez se levantar, ainda grogue. Chegou a pensar em fazer uma piada com a ausência de suas roupas, mas ela foi mais rápida:

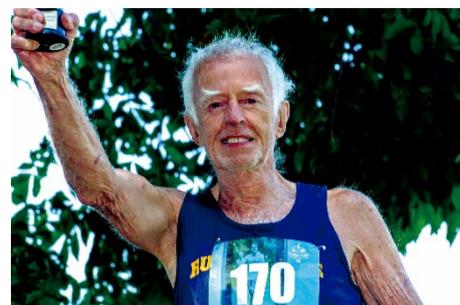
— Você tem alguma coisa para eu vestir?

— Só no meu apartamento. Vamos subir...

Atravessaram depressa a rua deserta, Maria Eduarda procurando se esconder atrás de Jorge Grande, não por falsos pudores, que não os tinha, mas pelo medo de que os bandidos ainda a estivessem procurando. Não estavam.

## O Autor

José Inácio Werneck é advogado, tradutor e intérprete (certificado pelo Sistema Judicial de Connecticut–EUA). Foi jornalista, com passagens pela CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, Jornal do Brasil, BBC de Londres, ESPN International, ESPN Brasil, TV-E, Última Hora, Jornal dos Sports, Gazeta Esportiva, Lance!, Direto da Redação e Estado de S. Paulo.



Escreveu, com Maurício Sherman, o roteiro do documentário **Copa 78: o poder do futebol**, e traduziu, entre outros livros, **Assassinato no beco**, de Agatha Christie. É autor de **Com esperança no coração: os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos** (Augurium, 2004) e **Sabor de mar** (Revan, 2005).

Contribuiu para publicações como **World Soccer** e **The Observer**, além de contribuir e editar o livro **Pelé: the autobiography** (Simon & Schuster, 2005). Escreve em [@werneckinacio](#) e [@brasilcopa70](#).

Foi Presidente da **Corja** (Corredores de Rua do Rio de Janeiro), diretor da **Maratona do Rio de Janeiro**, diretor do **Triathlon do Rio de Janeiro** e Editor-Chefe da **Viva: a revista da corrida**.

## Serviço

### Caminho do Mar

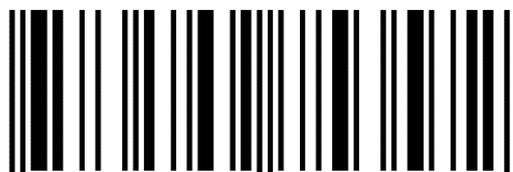
De José Inácio Werneck

Formato: 16 x 23cm — Páginas: 156

Preço: R\$ 50

ISBN: 978-65-997535-7-2

Disponível também em *e-book*



9

786599

759572

## Contatos com o Autor

José Inácio Werneck

[werneckinacio@gmail.com](mailto:werneckinacio@gmail.com)

Cel./WhatsApp: +1(860)713-8263

## Encomendas e informações

Cesar Oliveira

[pebola.casaeditorial@gmail.com](mailto:pebola.casaeditorial@gmail.com)

Cel./WhatsApp: (21)988-592-908

